

Leitura Literária de Imagens Arquetípicas: Um Olhar Multifacetado

Literary Reading of Archetypal Images: A Multifaceted View

Bruna das Mercês Ribeiro Arruda¹

Rubra Pereira de Araujo²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: A leitura antecede os signos linguísticos e seu sistema, ou seja, vem muito antes da instituição dos idiomas e da oralidade, portanto seria um erro implicar à leitura apenas, com um olhar delimitado, ler é uma capacidade intrínseca do ser humano, e o seu resultados estão diretamente influenciados com suas experiências de mundo. Ler-se a palavra dita e a não dita, com isso, saímos de uma percepção genérica desses elementos: Texto, palavra e Leitura. Afinal, antes da oralidade e escrita, os seres humanos são inseridos em um mundo visual, lido e compreendido nas representações de uma linguagem não-verbal, neste viés o objetivo desse texto é uma abordagem da leitura arquetípica com símbolos, salientando reflexões das imagens evocadas no poema: Lua Adversa, da poeta Cecília Meireles e o arcano maior “A lua”, do tarô de Marselha, juntas entrelaçando uma leitura carregada de memórias de arquétipos que dialogam com a vida e os dilemas existenciais.

Palavras-chaves: Leitura Arquetípica – símbolos universais – leitura literária – subjetividade – tarô.

Abstract: Reading precedes linguistic signs and their system, that is, it comes long before the institution of languages and orality. Therefore, it would be a mistake to imply reading only, with a limited view. Reading is an intrinsic capacity of human beings, and its results are directly influenced by their experiences of the world. Reading the spoken and unspoken word, with this, we move away from a generic perception of these elements: Text, word and Reading. After all, before orality and writing, human beings are inserted into a visual world, read and understood in the representations of a non-verbal language. In this perspective, the objective of this text is to approach archetypal reading with symbols, highlighting reflections of the images evoked in the poem: Adverse Moon, by the poet Cecília Meireles and the major arcana “The Moon”, from the Marseille tarot, together intertwining a reading full of memories of archetypes that dialogue with life and existential dilemmas.

Keywords: Archetypal Reading – universal symbols – literary reading – subjectivity – tarot.

¹ Mestranda em Letras, com ênfase em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional. Gestora de escola pública municipal de ensino Fundamental I. E-mail: brunautopia@gmail.com

² Professora Adjunta responsável pelo componente curricular de Literatura, Leitura e Ensino no PPG- Letras da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional. E-mail: rubraaraujo@mail.uft.edu.br

Recebido em 14 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de dezembro de 2024.

Considerações iniciais

Não creias nos meus retratos,
nenhum deles me revela,
ai, não me julgues assim!

Minha cara verdadeira
fugiu às penas do corpo,
ficou isenta da vida.

Toda minha faceirice
e minha vaidade toda
estão na sonora face;

naquela que não foi vista
e que paira, levitando,
em meio a um mundo de cegos.

Os meus retratos são vários
e neles não terás nunca
o meu rosto de poesia.

Não olhes os meus retratos,
nem me suponhas em mim.

(Gilka Machado, O retrato fiel)

O eu-lírico do poema em epígrafe está nitidamente marcado por uma subjetividade indefinida, o que coloca em xeque o próprio título do poema ao adjetivar o retrato de fiel. Nesse sentido, podemos afirmar que a subjetividade humana é, muitas vezes, multifacetada ou fragmentada.

Este texto nasceu como inquietação em relacionar o objeto de pesquisa da dissertação sobre os arcanos de representação feminina do tarô com os pressupostos teóricos advindos das concepções de Leitura, Literatura e Ensino, componente curricular cursado no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins.

O propósito do texto é ensaístico e visa a tentativa de estruturar em 4 tópicos que ocupam um lugar de pesquisa inquietante, a saber: leitura arquetípica, leitura literária, leitura dos símbolos do tarô, bem como as múltiplas faces envolvidas no processo de leitura de imagens

que representam o inconsciente coletivo, segundo a abordagem junguiana.

O homem difere-se dos outros seres pela linguagem. O dialogismo da linguagem proposto de Mikhail Bakhtin (1895-1975) afirma que só acontece se houver a interação, ou seja, aquilo que é dito, também deve ser compreendido pelo outro, estamos aqui de maneira simplória, referenciando as pessoas do discurso: quem fala, com quem eu falo e de quem/ do que eu falo, respectivamente 1^a, 2^a e 3^a pessoa do discurso, portanto só há discurso, se houver a leitura compreensão daquilo que foi enunciado. E essa leitura é compartilhada, nada é inédito, tudo faz parte de uma polifonia existente no cosmos, tornando-se um verdadeiro mosaico de cores, tons, símbolos, movimentos e linguagens.

Cabe frisar que lemos tudo que nos cerca e nos constrói socioculturalmente, portanto somos leitores de textos verbais e não-verbais, lemos os símbolos gráficos e a palavra escrita por sua junção, não apenas as decodificamos, mas construímos conhecimentos mediante ação individual e coletiva quando a compreendemos e implicamos às palavras lidas, nossa vivência de mundo. Ou seja, ler é uma ação praticada muito antes da descoberta da escrita, antes da racionalização dos indivíduos, durante gerações e gerações, lemos imagens que nos dizem sobre amores, dores, solidão, mundo e nas relações sociais lemos: corpos, desejos e afetos. E de maneira simultânea somos a soma de toda a nossa capacidade de leitura: do outro, nossa e do entorno que vivenciamos as práticas cotidianas.

Logo, Paulo Freire em carta aberta aos professores assevera que:

"Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão" (FREIRE, 2001, p.20).

Não podemos compreender/aceitar que o ato de ler refere-se apenas a textos verbais da modalidade escrita, a ação leitora aqui vai além, é antes de qualquer coisa, emancipatória, possui o viés do pertencimento, assim ela se sujeita ao protagonismo, é abraçar as responsabilidades e perceber que a consciência transparente de si tem o empoderamento, logo o mundo e seus elementos é um grande livro, mas que cada indivíduo precisa assumir seu papel no ciclo narrativo e cocriativo, que neste caso, é a própria vida, fundada por linguagens, códigos e tecnologias.

A Literatura, enquanto ciência e manifestação artística da palavra permite a riqueza simbólica da linguagem e remete-se à palavra transformada muitas vezes em um símbolo ativado pelo leitor e seu conhecimento de mundo, promovendo a polissemia que não esgota significados, mas a resignificação a cada experiência de prática de leitura intersubjetiva.

A estética literária ou corrente do movimento do Simbolismo ativa no leitor uma riqueza de imagens ou símbolos criados no imaginário coletivo e aciona o subconsciente que não tem compromisso com a verossimilhança dos fatos, mas apenas remeter a um conhecimento de mundo compartilhado, o qual será denominado por Carl Gustav Jung (1875-1961) de ‘inconsciente coletivo’. Nesse sentido, desmistifica-se a ideia de que a leitura seja um ato solitário e passivo, mas um acionamento do conhecimento prévio de mundo em um ato solidário do leitor e autor, via texto verbal, não verbal ou semiótico.

A leitura, portanto, não ocorre apenas na capacidade cognitiva de decifração de signos impressos. Paulo Freire, em um dos artigos do livro *A importância do ato de ler (1981)* afirma que leitura de mundo precede a leitura da palavra impressa. Ainda, segundo Freire, é importante que no processo de aprendizagem desta leitura da escrita, para darmos sentido aos textos que lemos, mobilizemos o conjunto de experiências vivenciadas pelo sujeito, ou seja, a educação familiar e cultural das leituras anteriores, de forma sutil compõe o repertório de nossa compreensão de mundo. Nesse sentido, a compreensão de mundo é indissociável do conhecimento linguístico e nesse processo envolve ler símbolos e sinais arquetípicos.

1. A construção dos arquétipos dentro da psique e suas contribuições.

Arquétipo é um conceito desenvolvido dentro das obras de Carl Gustav Jung que sistematiza a construção da imagem não-consciente e suas influências na psique humana, isso quer dizer de maneira bem simples, que o indivíduo mesmo sem saber, tem no seu subconsciente informações advindas de abstrações simbólicas coletivas:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza

psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo.(JUNG, 2000, p.15).

Os arquétipos são conceitos que estão na construção essencial do nosso fluxo de pensamento e percepção de mundo, ou seja, são estruturas que pertencem ao imaginário humano desde os primórdios e por serem tão velhos, esses conceitos são perenes, com isso as eras, os séculos, as doutrinas religiosas, a sociedade, as opiniões, tudo mudam, contudo os arquétipos ficam ligados em nossa consciência, isto é, no nosso consciente coletivo.

Ideias enraizadas de bem e mal, luz e trevas, medo e coragem, mocinhas e bruxas, príncipes e vilões, são fundamentados nos arquétipos e estes estão inseridos na cultura humana simbolicamente, nas artes plásticas, cênicas, na música, dança e claramente nas cartas de tarô.

Do ponto de vista etimológico, o vocábulo “arquétipo” é oriundo da língua grega, uma aglutinação formada pelo radical “arché” com o sinônimo de “antigo” ou “arcaico” mais “typo”, o que significa impressão, marca. Em outras palavras, poderíamos resumi-lo em modelo ou marca antiga, arcaica. O importante é que coletivamente usamos esses significados e isso reverbera em nosso conhecimento de mundo compartilhado.

1.1 Leitura Literária arquetípica do poema Lua Adversa (1942), de Cecília Meireles

A gênese deste texto é a tarefa auspiciosa de associar a ideia de leitura literária simbólica, ativando conhecimentos arquetípicos. Nesse sentido, o *corpus* que propomos a seguir é uma leitura arquetípica com o poema, Lua Adversa, de Cecília Meireles e uma leitura intertextual com a lâmina do arcano maior do tarô de número XVIII denominado também de A Lua. Eis o poema:

Tenho fases, como a lua,
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!

Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!
Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...)
No dia de alguém ser meu

não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

O poema modernista é escrito em primeira pessoa, todo elaborado com 7(sete) sílabas poéticas – redondilha maior, dando *corpus* a um eu lírico com características instáveis, em movimentos metamórficos, análogos as fases da lua. Neste ínterim, percebe-se a presença constante de antíteses: “tenho fases, como a lua, fases de andar escondidas, fases de vir para a rua”. Com predominância dessa figura de linguagem que ora aproxima-se de paradoxos e com a presença do “Eu” marcante. O texto fortalece idéias e posicionamentos mutáveis e controversos, ora deseja, ora não-deseja, validando ao eu lírico os movimentos da lua e suas fases em órbita do Sol, logo tal qual a lua que movimenta-se em suas fases, seu ser em suas vontades que oscilam. Podemos afirmar que trata-se, sem sombra de dúvidas, de um texto poético, imerso em simbologias arquetípicas.

A imagem arquetípica da Lua, milenarmente é associada ao Sagrado Feminino e representa a ideia da grande deusa, ela provoca encantamento e certa ilusão de ótica, uma vez que trata-se de um astro que não possui luz própria, mas que orbita em torno do sol e suas fases influenciam as marés, cortes de cabelos, humor feminino e plantações, por exemplo.

A autoria é atribuída a uma das principais vozes femininas da poesia moderna brasileira, Cecília Benevides de Carvalho Meireles ou, simplesmente, Cecília Meireles (1901-1964). Ela consagrou-se enquanto escritora, mesmo com influência simbolista e dentro da efervescência modernista, Cecília seguiu um padrão poético criativo marcado pela originalidade estética e não aproximou-se de nenhum grupo específico de vanguarda europeia, sua escrita seguiu sua liberdade multifacetada de atividades que exerceu, segundo dados biográficos. Ela foi professora, jornalista, pintora, entre tantos papéis, foi mãe e esposa. Com uma infância marcada pela morte, já que antes dos quatro anos de idade completos, já era órfã de pai e mãe, sendo criada por sua avó materna de origem portuguesa. Com uma infância solitária, teve na escrita seu refúgio e já em sua vida adulta, seu primeiro esposo comete suicídio.

A bibliografia de Cecília Meireles demonstra a natureza como fonte perene de inspiração para sua obra, carregada de símbolos e significados, ampliando os significados e sentidos diversos nas idiossincrasias dos leitores.

Segundo alguns relatos não muito precisos, Cecília tinha origem étnica do povo nômade de ciganos, o que algumas vertentes esotéricas atuais anunciam um *hobby* pessoal da escritora em manusear a cartomancia, provavelmente exercendo a leitura arquetípica do tarô e baralho Lenormand³.

Contudo, mesmo sendo perpassada pela tragédia, consolida-se como escritora com mais de cinco dezenas de obras publicadas, desenvolve uma escrita que traz por vezes o protagonismo da solidão, morte, tempo e efemeridade. Cabe ressaltar que a musicalidade, o metafísico, traços lusitanos são facilmente encontrados em suas obras, porém com uma bibliografia silenciada nos anos iniciais da sua vida, Cecília Meireles carrega em seus traços, em cada verso criado muito mais que o óbvio.

Em 1942, é publicado o seu livro *Vaga Música*, historicamente situado em meio a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tem-se, portanto, uma obra cheia de imagens e ritmo, a maioria dos poemas são intitulados com o termo: *Canção*. Nesta coletânea encontra-se *Lua Adversa*: um poema ritimico em sua oscilação, remetendo à figura arquetípica e mística do astro noturno.

1.2 O tarô e a carta “A Lua” .

O Tarô é comumente conhecido como um jogo de cartas e adivinhação, a exemplo do horóscopo e/ou numerologia, porém existe outra prerrogativa, para essa arte tão antiga, que é a simbologia, assim dizendo, temos a interpretação das imagens, estas que são representações que fazem uso da linguagem não-verbal e sua leitura vem a ser o resultado de suas inferências (de mundo / de si / arquetípico).

Quando voltamos nossa atenção para qualquer imagem temos várias inferências, as mensagens que um texto visual expressa, provavelmente seria utilizado uma infinidade de palavras para expressá-la, ou seja, as palavras não alcançam a totalidade da imagem. O tarô, portanto, são textos verbais marcados por imagens e essas carregam diversas mensagens em sua simbologia.

³ Segundo **QUINTILHANO (2020)**, o baralho cigano teve origem na Europa e é um dos oráculos mais populares do mundo. Foi adaptado e divulgado pelo povo cigano, que era fascinado pelo significado místico do mundo do Tarot de Marselha. Ele é um sistema de adivinhação que responde a questões universais como o amor ou o dinheiro. O nome Lenormand é atribuído a uma cartomante francesa que o utilizava bastante em seus atendimentos, realizado leituras arquetípicas de objetos, personalidades e itens da fauna e flora local de onde ele foi originado (França).

Mas antes de tudo, é relevante conhecer brevemente a história do Tarô, sendo um baralho formado de 78(setenta e oito) cartas, nas quais 56 (cinquenta e seis) são os arcanos⁴ menores -dentro dessas 16(dezesseis) são nomeadas cartas da realeza- e outras 22 (vinte e duas) são chamadas de arcanos maiores. Inicialmente há indícios que o baralho tenha surgido na China e tenha sido levado para a Europa pelos árabes com seu baralho *mamluk*.

As cartas começaram a ter uma perspectiva mística e ganharam uma força representativa, quando chegaram na Europa. Até então, era usado para para diversão, ludicidade ou até mesmo para apostas. Elas não eram observadas com nenhuma acepção, no máximo representavam as classes sociais, como dos nobres (rei e rainha).

Portanto, foram os artistas europeus que acrescentaram novas cartas do baralho e deram outra roupagem a ele, com isso suas influências estão diretamente ligadas ao cristianismo, cabala Judaica (árvore da vida) e alquimia. O livro: História e Simbologia do tarô, de Sadat Oliveira, publicado em 2018 afirma:

No Século XVIII, o tarô já era produzido e impressas por toda Europa. Vários modelos surgiram, adquirindo o nome de seus gravuristas ou das cidades em que eram produzidos. Assim temos o tarô Conver (1760), o tarô Camoin (1880), o tarô Besançon(1898), o tarô Grimaud (1931), etc. Um dos modelos que se tornou mais usado foi o tarô de Marselha (p.13).

Na contemporaneidade, o tarô de Marselha continua sendo um dos mais usados e mais antigo, cabe frisar que ele leva esse nome porque essa cidade foi considerada a capital do Tarô nos séculos XVII e XVIII, e será o baralho que usaremos para ilustrar a lâmina da “ A Lua”. Um outro aspecto importante a ser sublinhado é que o senso comum costuma associar o tarô apenas aos povos ciganos e a cartomancia, porém por sua história, o tarô é inserido nessa cultura , quando esse povos nômades chegaram na Alemanha por volta de 1417, Roma 1422 e em Paris em 1427. Outrossim, o tarô não surgiu com o intuito de adivinhação , contudo como um elemento didático, ou seja, um livro de história com páginas soltas em iconográficos,

⁴ Segundo dicionário do Universo *On Line/UOL Michaelis*, a palavra “arcano” é de origem etimológica do Latim, pode ser classificado como adjetivo possuindo dois significados: 1 Que encerra segredo; que é misterioso; enigmático. 2 Que não se pode desvendar. Dependendo do contexto frasal, a palavra também pode ser classificada como substantivo, denotando 3 sinônimos: 1 Aquilo que constitui profundo segredo; mistério. (Sentido expresso no contexto em questão), 2 Lugar secreto ou escondido. 3 Remédio misterioso; panaceia. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/arcano> Acesso em 29 de novembro de 2024.

já foram os povos ciganos aprimoraram e popularizaram o viés divino e adivinatório do Tarô.

Como já vimos aqui o tarô vem resistindo anos, e nesse percurso, foram feitos diversos *decks* para o jogo, leituras e releituras de suas representações arquetípicas, referências e inferências às impressões do consciente e do subconsciente (individual e coletivo). Há uma impressão os arcanos maiores são a representação de uma jornada mítica do herói, o ciclo da vida, as cartas são respectivamente: O louco; O mago; A Papisa; A imperatriz; O Imperador; O Papa; O enamorado; O carro: Justiça; O Eremita; A Roda da Fortuna; A força; O enforcado, Morte, Temperança; O Diabo; A torre; A estrela; A lua; O sol; Julgamento e o Mundo:



Figura 01- Arcanos maiores, Tarô de Marselha. Visto em: <https://oficinasdasbruxas.com/tarot-de-marselha-os-arcanos-maiores/> acesso em 01 de março de 2024.

Como pode ser observado é um *deck* colorido e com a predominância das cores azul, vermelha e amarela representando um misto de cores quentes e cores frias com a nítida associação da junção dos princípios energéticos de *yin* (feminino) e *yang* (masculino). Mediante a disposição das cartas, se percebe que todas são enumeradas do louco (e há sua razão para isso), logo se percebe que é uma narrativa, uma contação de uma história com início, meio e fim, outra observação que a maioria das cartas marcam um gênero (que é um aspecto minimamente interessante), mas o objetivo deste trabalho, dentre todos os trunfos, é fazer uma imersão a carta de número 18(dezoito), intitulada : A lua, como ver-se de forma individual e mais ampliada:



Figura 02 – A lua, Tarô de Marselha Visto em: <https://oficinadasbruxas.com/tarot-de-marselha-os-arcanos-maiores/> acesso em 19 de setembro de 2024.

Com um fundo de céu branco, e uma lua (com rosto semelhante ao de uma figura feminina anciã) no seu centro com o sol por traz, com uma espécie de gotas ou reflexo saindo/indo de encontro a lua, a presença de dois animais, duas torres, uma espécie de lagosta no meio de um rio, pequenas porções de terras firme, com o predomínio das cores azul, amarelo e vermelha, tem-se a composição gráfica da carta, logo olhar para a construção dessa carta como um todo, é receber várias informações simultaneamente.

Comumente interpretada como a carta da variação, inconstância, mística e da penumbra, um arcano maior que induz o culto, por vezes é analisada com prenúncios de instabilidade, pautado no mental e sempre em um lugar de ilusão ou nebulosidade. Tais inferências podem ser sustentadas pela centralidade da lua nas análises, suas fases (nova, crescente, cheia e minguante), provavelmente por se esconder na órbita do sol (não completamente, já que ela é iluminada pelo mesmo e só a vemos por esse fenômeno). Há tantas coisas no cenário dessa carta, mas é a ausência que chama a atenção, não temos aqui a presença do herói, nenhuma figura humana (explicitamente), a seguir alguns elementos serão analisados separadamente, para assim chegar-se a uma possível leitura da carta:

- A lua: Presente em várias culturas, mitos e religiões, esse elemento evoca diversas coisas dentro da história da humanidade, com o poder feminino latente,

perpassa a culturas em suas variadas manifestações. Com suas fases, influência variados campos de conhecimento, desde a cultura, agricultura à religião. Do tarô é nomeada como sendo a décima oitava carta dos arcanos maiores⁵, ou seja, a carta: A Lua; Por intitular um dos 22 arcanos maiores, a sua imagem dentro da composição visual da lâmina ganha sempre nas interpretações o protagonismo. No deck de Marselha, há sobreposições, vemos uma lua minguante-não completa, há o que se vê (na cor amarela, aquecida pelo sol, suas luzes chegam até essa parte) e o que se esconde, é seu lado da sombra, sendo construído por um rosto de perfil, há aqui tanta dualidade, o claro e o escuro, o iluminado e apagado, o rosto que se revela pela metade e na outra metade se esconde, a lua é entre: o ser e o não-ser, o visível e o não-visível, ausência-presença, o seu todo é feito de ausências, ou presenças não reveladas, veja, mesmo na sua plenitude, na lua cheia, ela esconde o sol. Podemos inferir que a lua representa o sagrado feminino, tocado pelo sagrado masculino. Sua natureza está no bem/mal, no tocável e no impalpável, no claro/escuro, ela é dual, e só abraçando sua bipolaridade que ela é completa. Ainda há raios que saem dela nas cores azul e vermelha (dual), logo em seguida é gotejada por pingos azul, amarelo e vermelho. Ou seja, ela alimenta a terra e a terra a nutri.

- Os animais: Há a presença de três figuras, um lagostim, e muito provavelmente dois lobos. Ao observar a carta, todos os animais estão voltados para a lua, os lobos estão claramente uivando, seus instintos vivos, cada um de um lado da carta, suas patas dianteiras se tocam levemente e juntos são praticamente a extensão do lago. O lagostim no meio no centro com suas garras voltadas para a lua, o lago não está calmo, nem bravo, está influenciado pela energia da lua, a terra também (os riscos tanto na água e na terra) determina que a lua mexe com a terra, as águas e os animais, suas fases, fazem com que os elementos mudem.

- As torres: São duas, estão do outro lado, uma com a fachada vermelha e a outra azul, uma de frente para a outra, imponentes, base no chão, suas estruturas firmes e fortes, mas em contrapartida estão inclinadas para o céu. A terra prometida é o equilíbrio, e saber viver entre o real e o imaginário, fraco e forte, entre as fases de uma lua menina-mulher que mexe diretamente com o fixo, o real, o não-fixo e o não físico.

⁵ Numerologicamente, reduzindo a um único algarismo com a soma dos números 1 e 8, temos o 9, o qual é o último algarismo, geralmente representando uma jornada arquetípica e ainda um símbolo de doação, alteridade.

Esse arcano é o início do fim de uma jornada (1+8=9) e a ausência do figura do herói, como já mencionado é intrigante, intuitivamente, essa carta é o próprio herói, é o seu inverso revelado, seu cá dentro, é o seu interior, multifacetado.

O herói da jornada arquetípica do tarô, já não é um louco, aventureiro. Os caminhos percorridos o tocaram e o transformaram e aqui, ele se vê refletido na lua, e para atravessar seu caminho que está diante dos seus olhos, precisa abraçar suas fases, sua dualidade e perceber que a lua-mãe (o principio *yin* do sagrado feminino) é mais forte em nós do que se possa imaginar, nela está a ciência, a magia, a completude, a pequenez, o crescimento... Suas fases, são as nossas, nascer, crescer, chegar ao clímax e morrer, para depois começar tudo novamente. Só o homem aprendendo a lidar com suas mutações, suas luzes e sombras é capaz, tal qual a Lua, de manipular o mundo que o cerca de maneira externa e interna.

2. Entre Luas – a lua adversa de Cecília e a lua, arcano maior do Tarô – visões arquetípicas multifacetadas

O poema Lua adversa, da poeta Cecília Meireles faz uma intertextualidade com o arcano maior do tarô “A lua”, ilustrado do *deck* de Marselha. As imagens evocadas na materialização do cenário da carta, a leitura visual das imagens representam a decodificação em palavras ou semântica estabelecida pelo/ por meio do poema.

Na arcano do tarô o artigo definido “a”, não vem com a função de apenas determinar o gênero, como feminino, mas para enfatizar que não é uma lua qualquer, essa lua, não é pejorativa e comum, é de fato “A” lua que transforma, movimenta e muda. Entretanto no título do poema há a dispensa do artigo definido “a”, generalizando a palavra lua, faz-se pensar no conceito trivial da lua dentro do imaginário, contudo ao caracterizá-la com um adjetivo “adversa”, sabemos que não é uma lua qualquer, é oposta, que sai da margem do banal.

Em ambos artefatos socioculturais (o poema e a lâmina) abstrai-se a leitura arquetípica que remete à ancestralidade feminina evocada, em uma memória coletiva desse elemento, de maneira que “Os arquétipos, como conteúdos do inconsciente coletivo, não são desenvolvidos individualmente, mas são herdados” (JUNG, 1964, p.26). De maneira que todas as evocações que temos da lua, suas implicações dentro da história do homem moderno. As influências e permanência dentro do imaginário humano são a somatória do seu consciente coletivo, e a interseção entre uma carta de tarô desenhada em um intervalo de tempo dantesco entre a

publicação de um poema, de uma poeta na década de 40, claramente é a presença arquetípica da lua.

Nos versos: “tenho fases, como a lua, fases de andar escondida, fases de vir para a rua, perdição da minha vida, perdição da vida minha”. tece um diálogo direto com a jornada do herói dentro dos arcanos maiores, já que por vezes é como o louco desbravador (arcano de número 0), abrindo novos caminhos, por vez é o eremita (arcano número 9) voltado para si, fechado em seus pensamentos e experiências, ou seja, fases de andar escondido. A inversão do pronome “minha”, primeiramente a perdição é minha (eu - dentro, o lá fora), depois a perdição é da vida (fora), é o fora/dentro em movimento que evoca as fases da lua, apagada, pequenina e a plena (cheia).



Nos versos: “Tenho fases de ser tua, tenho outras de ser sozinha.”, quando a lua está crescente, intuitivamente há a presença da “falta”, a sensação da não completude é o momento de se doar, pra si mesma, de maneira rasa, pensamos que a lua está plena de si, em sua fase cheia, esquecemos que isso só é possível porque o sol a ilumina por completa, quando a força masculina e feminina estão em equilíbrio, coexistindo.

A imagem da lâmina a lua não representa a fase da lua cheia, mas deixa evidente a presença do sol e sua relação com a lua, ambos ocupando o mesmo espaço, e indica um movimento cíclico, levando para a completude, seria o vir a ser. E todos os elementos externos são tocados por essa dualidade, a lua de amarelo, crescente, transborda em elementos claramente amarelados na paisagem da carta (amarelo é a cor intrinsecamente ligada ao sol, desde a infância, nos primeiros desenhos, lá está ele, desengonçadamente amarelo) e o sol está de perfil, pintado de um tom de azul escuro, chumbo (cor tradicionalmente dada a lua, está no nosso consciente), portanto, essa carta personifica a dualidade, a existência de duas energias que se tocam e se fundem e seus efeitos atingem toda a superfície que alcançam.

Pensando em polaridade tanto o poema, quanto a carta, nos revela que até o sol (uma estrela de 5ª grandeza) tem suas sombras e a lua adversa deixa-se iluminar, clarear-se. Inevitavelmente, a leitura da imagem é subjetiva, tal qual a leitura da escrita poética (essa que constrói imagens ou a resgatam do inconsciente), por serem leituras livres das amarras

da racionalidade , é por elas que os arquétipos ganham vazão de maneira mais fluida, de maneira que conforme, (JUNG, 1964, p.102): “Não se trata portanto de ideias herdadas, mas de suas possibilidades”.

Conquanto o poema Lua Adversa e a carta de número dezoito, dentre os 22 arcanos maiores, graficamente representado pelo tarô de Marselha, se completam dentro de uma jornada que caminha para o encontro de si, no enfrentamento das inconstâncias dos seus protagonistas em um viés não do sofrimento, contudo do enfrentamento, é a polaridade acolhida, no livro- O tarô e a jornada do Herói, ler-se:

Quando compreendemos essa lei da polaridade como o princípio abrangente da nossa realidade, conseqüentemente é possível deduzir o pólo contrário da polaridade, a inimaginável unidade que é descrita como o paraíso Divino por todas as religiões , a seu modo, com suas imagens e símbolos. (BANZHAT, 2023, p.20).

Tanto o poema e a carta tocam a dualidade, em um jogo de pares, entre o querer e não- querer , o está e o não-estar, o eu-lírico do poema e o herói tocados pela lua e suas fases, essa revela-se arbitrária ao senso comum.

Considerações finais

Mutações , transformações, mudanças, movimento, cíclica, sombras, misteriosa, esotérica, religiosidade, palavra feminina , substantivo, resumidamente características da lua e sua representatividade, sem contar seu papel na mitologia, na religião, e em tantos outros espaços físicos, psíquicos e simbólicos que ela ocupa. Aqui de maneira basilar houve o entrelaçamento de uma linguagem poética com um texto tecido em linguagem não-verbal, levando para identificação de um arquétipo.

O tarô de marselha com seus arcanos maiores narram uma jornada dentro e fora de si, na busca da evolução física e psicológica, nessa narrativa no capítulo dezoito, traz uma abordagem do visível e não- visível, elucida a relação entre a lua e o sol, não dividindo o mesmo espaço (firmamento), mas coabitando.

Já o eu-lírico do poema Lua Adversa, é um eco dessa jornada, usando a palavra para a construção de uma imagem arquetípica, ou seja, uma consciência coletiva do homem,

dentro de sua construção, claramente é a ciência de que o “todo” é feito de partes claras e outras escuras.

Continuadamente, é desafiador dentro de um universo cientificista, trazer abordagens com o tarô e com um poema é romper paradigmas e preconceitos, para além do factual é apontar a subjetividade que alimenta as posturas e ações do real.

Portanto esse trabalho cumpriu o seu papel de construir uma imersão, na compreensão de dois textos que possuem como base linguagens que antecedem a racionalidade da decodificação dos signos linguísticos, que é a linguagem poética dialogada com a linguagem não-verbal (imagens).

Referências

BANZHAF, H. **O tarô e a jornada do herói**. [s.l.] Editora Pensamento, 2023.

FREIRE, Paulo. (2001). **Carta de Paulo Freire aos professores**. *Estudos Avançados*, 15(42), 259-268. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 1º ed. São Paulo: Moderna, 2003.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô: uma jornada arquetípica**. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

OLIVEIRA, Sadat. **História e Simbologia do Tarô**. Brasil, BR: [s.n.], 2018.

QUINTILHANO, Letícia. **Baralho Lenormand: um olhar moderno sobre o projeto clássico**. Monografia e Projeto de Conclusão de Curso. Centro de Letras e Artes (CLA). Escola de Belas Artes (EBA). Departamento de Comunicação Visual da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2020.

SANTOS, M. F. dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. São Paulo: Matese, 1965.

VIEIRA NETO, I. **A PERFORMANCE DAS IMAGENS SIMBÓLICAS: SÍMBOLOS**,

INCONSCIENTE COLETIVO, ARQUÉTIPOS E MITOS. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, Brasil, v. 13, p. 21–29, 2020. DOI: 10.18224/mos.v13i0.7746. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7746>. Acesso em: 2 mar. 2024.